

Reseña de Publicaciones

Antonio Martín Caballero; José Luis Anta Félez;
 Almudena García Manso; Rubén J. Pérez Redondo
 (2017). *Turismo mochilero: una aproximación
 desde la sociología y la antropología a una
 subcultura global*. Oviedo: Septem Ediciones.

ISBN 978-8416053889

Pedro Azevedo^{1*}

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal)

O turismo mochilero nos últimos anos tem registado um crescimento exponencial, sendo interpretado como uma subcultura inserida no fenómeno global. Vários autores têm se dedicado ao estudo deste tema pois existe uma ausência de estudos sobre a temática do turismo mochilero devido ao acentuado destaque atribuído ao turismo convencional em detrimento deste subtipo de turismo. Portanto, o estudo inserido no livro permite colmatar esta lacuna. Os autores são Antonio Martín-Cabello, José Luis Anta Félez, Almudena García-Manso e Rubén José Pérez Redondo. A estrutura do livro é composta por seis capítulos e o seu conteúdo permite compreender a evolução e as várias abordagens do turismo mochilero.

O primeiro capítulo salienta de forma geral a presença do turismo no quotidiano da sociedade, onde o turismo mochilero surge ao mesmo tempo que o turismo de massas e acaba por constituir um fenómeno no mundo globalizado, sendo pioneiro no turismo individualizado. São igualmente explicitados os aspetos metodológicos, onde é elucidada a necessidade de recorrer a dados quantitativos e qualitativos de carácter etnográfico para fazer face à dificuldade em estudar os movimentos transnacionais.

No segundo capítulo os autores realizam uma abrangente contextualização histórica, demonstrado que o viajante mochilero tem origens remotas e que integra um universo amplo, inserindo-o no rito de passagem ou num ritual de trânsito, remetendo neste ponto para as peregrinações. Neste sentido, é fornecida a visão de vários autores, onde é demonstrado que o turismo mochilero teve origem nas viagens dos séculos XVII e XVIII, principalmente no *Grand Tour*, que consistia em viagens realizadas por jovens da alta burguesia aristocrática e que se consolidaram ao longo dos séculos XIX e XX. Assim, o conceito de turismo mochilero encontra-se reforçado na década de 50 do século XX por Erik Cohen, ao integrar os jovens oriundos da classe média e que estavam vinculados a movimentos de protesto estudantil nesta conceção. Neste sentido, é demonstrada a progressiva transição da imagem que o mochilero adquiriu ao longo da década de 80,



* Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (Portugal); E-mail: pedrodsrc@gmail.com

passando a transmitir uma imagem respeitável, contrariando assim a imagem de vagabundo adquirida nos anos 60. A sua imagem passa assim a estar revestida por determinados valores como o desprendimento de um lugar, afastamento do materialismo, busca de autenticidade e sentimento de liberdade e independência. Em suma, a sua imagem passa a ser socialmente aceite e integrada nos “cânones” turísticos.

São ainda mencionadas as razões desta mudança e da popularização do turismo mochilero: surgimento de um novo mercado de trabalho; adoção de valores pós-materiais pela sociedade; a aviação comercial passa a constituir o principal meio de transporte; o aparecimento da internet; e a valorização da experiência adquirida durante as viagens (currículo individual e ano sabático). Neste contexto, surge uma indústria turística direcionada aos mochileiros, nomeadamente nas áreas do vestuário e equipamentos.

As características do perfil dos mochileiros, os tipos de viagens realizadas e as tipologias de mochileiros são evidenciadas no terceiro capítulo. A sua principal característica assenta na realização de viagens de longa duração, organizando viagens planificadas e autónomas, destacando o carácter auto-organizado destas viagens. De certo modo, permite evidenciar que o turismo mochilero distancia-se do turismo convencional. Também é demonstrada a amplitude do termo mochilero (*backpacker*) que recebe outras designações, tais como: viajeros, vagabundos, trota mundos, nómadas, nómadas digitais, entre outras. É salientado o facto dos mochileiros quererem ser intitulados por viajeros e viajantes para se diferenciarem dos turistas convencionais.

Apesar da ausência de estudos, os autores traçam e sustentam o perfil do mochilero: são maioritariamente jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 33 anos; a sua procedência é essencialmente de países ocidentais; possuem elevadas qualificações, sobretudo a nível universitário; e são oriundos da classe média-alta. A duração das viagens não possui uma duração regular. É evidente que o momento para iniciarem a viagem encontra-se intimamente marcado por uma etapa de transição de vida, onde procuram principalmente adquirir novas experiências durante um determinado período da sua vida para depois regressarem à vida habitual. Neste aspeto, o quotidiano é diminuído para um segundo plano.

Outros aspetos fornecidos no estudo prendem-se com as despesas e a forma como os mochileiros se deslocam. Apesar de continuarem a procurar minimizar os custos de viagem, é afastada a ideia que o mochilero se desloca somente a pé. Recorrem a todos os meios de transporte, utilizando o avião para se deslocarem para os países e utilizam todos os transportes públicos quando alcançam o destino como autocarros, comboios e ferries, bem como a bicicletas e motas. Recorrem de igual modo a táxis e à partilha de transporte para se deslocarem a zonas remotas. Relativamente às despesas é referido que o mochilero pode realizar mais gastos que o turista convencional, sendo frisado o facto de os mochileiros realizarem a maioria dos seus gastos junto das comunidades locais.

Analogamente à tipologia do turista mochilero, são adotadas as definições de dois autores. Jean-Christophe Demers entende que há quatro tipos de mochilero: peregrino, rito de passagem, em conversão e busca de conquista, enquanto Greg Richards estabelece três tipos de mochileiros: mochileiros; *flashpacker*, entendidos como mochileiros relâmpago e que constitui uma variação no perfil mochilero; e nómada global, termo já referido na obra “*The Global Nomad: Backpacker Travel in Theory and Practice*” (Richards e Wilson, 2004). Perante isto, é enaltecido que a viagem do mochilero opera como um verdadeiro rito de passagem, isto é, um conjunto de práticas e atividades que simbolizam a passagem de uma etapa da vida a outra, que se encontra presente em muitas culturas. Acima de tudo, é entendido como um meio de crescimento pessoal.

Outras evidências fornecidas relacionam-se com a identificação dos cinco principais destinos: Sudeste Asiático, nomeadamente Tailândia e Vietname; Austrália; Sudáfrica e Europa. Estes destinos contrastam com a ausência de países como os EUA e o Canadá como destinos privilegiados, devido ao facto de os mochileiros ocidentais elegerem países com reduzidos níveis de desenvolvimento e principalmente procurarem a autenticidade e o exotismo, bem como os baixos preços do alojamento e da estadia. Contudo, os mochileiros não ocidentais, como os israelitas e de outros países asiáticos, têm registado um exponencial crescimento. Diferenciam-se pela distinção de valores dos mochileiros ocidentais.

Além do mais são referidos outros aspetos tais como: que a perceção do perigo e do risco são uma parte integrante da viagem bem como é destacado o facto de procurarem um conhecimento geral de cada país que visitam, conhecendo em maior profundidade o país que pretendem mesmo conhecer.

O capítulo 4 incide sobre a subcultura mochileira. Trata essencialmente das contradições entre os ideais do viajante mochilero e as suas práticas reais, estabelece uma comparação entre as práticas de viagem do mochilero e do imaginário global e demonstra que os mochileiros desenvolveram uma subcultura específica e simbólica. De forma geral, a imagem do mochilero é marcada pelas viagens que realiza como sentido de liberdade, autenticidade e fuga à rotina. É uma forma de conhecer de forma pura o mundo.

Acima de tudo, proporcionam e definiram uma imagem com características reconhecíveis e possuem o *status* de viajante. Criaram verdadeiros enclaves da cultura mochileira: não possuem relações profundas

com as comunidades locais, privilegiando o contacto com outros mochileiros que encontram no percurso; e por vezes criam as suas próprias rotas. De igual modo, surge uma cultura material e uma indústria destinada aos mochileiros, como vestuário e equipamentos.

O capítulo 5 enquadra o turismo mochileiro no turismo global. A intensificação dos fluxos turísticos aumentou o turismo jovem, onde os mochileiros se inserem, logo inseridos no fenómeno de globalização. É explicado que as universidades e as empresas fomentam a realização das viagens para permitir a aquisição de competências através da experiência. Isto permite a estudantes e trabalhadores diferenciarem-se dos de mais turistas e valorizarem o seu currículo. Esta situação salienta o *status* simbólico.

Neste capítulo é igualmente explicado o conceito de expatriado corporativo, sustentado noutros estudos (Martín-Cabello e García-Manso, 2015), entendido como trabalhadores que se encontram deslocados, logo possuem uma subcultura com semelhanças à subcultura dos mochileiros. Ambos são coletivos inseridos num mundo global.

Por último, o sexto capítulo centra-se na análise do turismo mochileiro com enfoque em Espanha, realizando uma profunda contextualização histórica da sua evolução, destacando os principais destinos e rotas seguidas e por fim, são mostrados os resultados obtidos.

O surgimento do turismo mochileiro em Espanha encontra-se relacionado com o *boom* turístico que ocorreu neste país. Além do mais, constitui um dos principais destinos turísticos mundiais e eleito como o primeiro país do mundo para se viajar sozinho. O turismo mochileiro em Espanha teve um desenvolvimento tardio devido essencialmente a condicionantes de natureza sociopolítica. Somente nos anos 60 surgem os primeiros viajantes para passar a haver uma consolidação a partir dos anos 80.

O livro ainda refere que muitos mochileiros têm conhecimento por referências dadas através de amigos e conhecidos que vivenciaram uma determinada experiência anteriormente. Os mochileiros recorrem a sites e blogues populares dentro do turismo mochileiro para trocarem informações importantes entre si. O estudo recorre à consulta destes sites, onde é possível verificar os locais mais visitados e preferidos pelos turistas mochileiros. Barcelona e Madrid, entre outras cidades europeias, destacam-se como as cidades mais visitadas pelos mochileiros. De igual modo, os sites sugerem rotas clássicas como rotas menos habituais.

Em Espanha, o Caminho de Santiago assume uma posição importante para o turismo mochileiro, não obstante ser percorrido com várias motivações, possui realmente uma dimensão mochileira, como é reforçado igualmente por Joan Prat (2011). As Vias ou Rotas Verdes, itinerários inseridos em meios rurais, e os arquipélagos, constituem outros locais transitados pelos mochileiros em território espanhol, segundo uma pesquisa realizada juntos dos viajantes².

Na pesquisa também é estabelecido dois tipos de mochileiro distintos: o que “mochila” no próprio país e o que “mochila” num país diferente, mais longínquo, onde este último modifica o plano de viagem em termos de objetivo, tempo, rota e transporte.

Esta obra permite compreender de forma crítica que existe um distanciamento da imagem tradicional e enraizada do mochileiro, afastando-se da imagem de *hippie* e de vagabundo dos anos 60. Refere ainda que existem determinadas evidências tais como uma homogeneidade do perfil do turista mochileiro, apesar de apresentar certas características próprias, e principalmente que existe uma vinculação do turismo global com o turismo mochileiro, onde ambos se encontram interconectados.

A formação dos autores vinculada às áreas da Antropologia e da Sociologia permite construir um perfil do viajante mochileiro assente numa perspetiva multidisciplinar e definir as suas principais motivações para realizarem a viagem (Moller e Hjalager, 2019): aprender e adquirir conhecimentos de outras culturas; um desafio pessoal; e socializar.

Partindo de uma perspetiva antropológica e sociológica e através estudo de um estudo rigoroso, que possui a inclusão de diversos indicadores e testemunhos, enquadra o turismo mochileiro dentro dos processos de mudança social em plena era da globalização.

Fundamentalmente, é salientado o poder transformador do turismo mochileiro e evidencia a sua capacidade libertadora e emancipadora de determinadas convenções sociais.

Bibliografia

- Martín-Cabello, A. e García-Manso, A. 2015. Una aproximación a las relaciones entre el turismo mochilero y la cultura corporativa global. *Revista de Antropología Experimental*, (15): 55-72.
- Moller Jensen, J. e Hjalager, A.-M. 2019. Travel motivations of first-time, repeat, and serial backpackers. *Tourism and Hospitality Research*, 19(4): 465-477.

- Prat, J. 2011. Por qué caminan? Una mirada antropológica sobre el Camino de Santiago, em Nogués, A. M. e Checa, F. (coords.) *La cultura sentida. Homenaje al profesor Salvador Rodríguez Becerra*: 495-529. Sevilla: Signatura Demos.
- Richards, G. e Wilson, J. (Eds.). 2004. *The Global Nomad: Backpacker Travel in Theory and Practice*. Clevedon: Channel View Publications.

Notas

- ¹ Este trabalho é realizado no âmbito da bolsa de investigação atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) com a referência SFRH/BD/136459/2018.
- ² Durante os anos 60 do século XX, o turismo mochilero manifestou-se principalmente em Ibiza, através do surgimento de pequenos grupos de viajantes estrangeiros, nomeadamente os *hippies*.

Recibido: 03/02/2020
Reenviado: 04/03/2020
Aceptado: 04/03/2020
Sometido a evaluación por pares anónimos